

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LETICIA LUCINDO QUEIROZ

O MOVIMENTO ZAPATISTA E A BUSCA POR AUTONOMIA

**Acarape
2018**

LETICIA LUCINDO QUEIROZ

O MOVIMENTO ZAPATISTA E A BUSCA POR AUTONOMIA

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Leandro de Proença Lopes.
Coorientador: José Luiz Silva da Costa.

**Acarape
2018**

LETICIA LUCINDO QUEIROZ

O MOVIMENTO ZAPATISTA E A BUSCA POR AUTONOMIA

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Leandro de Proença Lopes.
Coorientador: José Luiz Silva da Costa.

Acarape, ____ de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes (Orientador) – IHL

Prof. Me. José Luiz Silva da Costa (Coorientador) – IFRN

Prof. Dr. Sálvio Fernandes de Melo (Avaliador 1) – IHL

Prof./a Caroline Farias Leal Mendonça (Avaliador/a 2) – IHL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	05
2	JUSTIFICATIVA.....	08
3	OBJETIVOS.....	10
3.1	OBJETIVO GERAL.....	10
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
4.1	CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉXICO.....	11
4.1.1	Colonialismo.....	11
4.1.2	Guerras e Governos.....	13
4.2	CONSTRUÇÃO DO EZLN.....	17
4.2.1	Organização Interna.....	17
4.2.2	Princípios.....	20
5	METODOLOGIA.....	26
5.1	TIPO DE MÉTODO.....	26
5.2	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	26
6	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	27
7	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

“Com a mão sobre o coração convidamos vocês a vir a este acampamento onde vocês serão recebidos com os braços abertos pelos irmãos de miséria. Nós não temos palavras para expressar quanto apreciamos os sacrifícios feitos em nosso favor, e esperamos que Vocês sejam sempre bem dispostos a dar-nos a mão, enquanto o capitalismo não desapareça desta região, yaqui, e até que a bandeira vermelha de Terra e Liberdade não tenha mais inimigos”
- Declaração oficial de julho de 1914 da tribo yaqui¹.

Na madrugada de primeiro de janeiro de 1994, em Chiapas, que, apesar da fertilidade e riqueza de seus solos é uma das regiões mais pobres do México, grupos de indígenas e camponeses chamados Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) começaram um confronto armado contra o Estado e os grandes fazendeiros, declarando como autônomo parte daquele território, onde vinham se organizando internamente ao longo de 10 anos, e recuperando as terras que lhes foram prometidas por suscetíveis governos. Mais do que armas, tinham em mãos a força para construir um mundo novo, não de forma pacífica, embora houvesse paz em seus corações, dado que o desejo pela liberdade e a coragem de lutar por ela ameaça o papel do Estado que só conhece a violência como linguagem. Depois de séculos de exploração e submissão havia uma nova possibilidade de reagir, de retomar as terras roubadas, agora eles são visíveis aos olhos do capitalismo pois representam uma ameaça às suas formas e valores.

O NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) formado por Estados Unidos da América, Canadá e México que entrou em vigor em 1994, representa o fortalecimento do imperialismo estadunidense, tanto demarcando a posição do México como país produtor, como colocando preços cada vez mais baixo sob seus produtos. Esse tratado intensifica ainda mais a exploração de Chiapas, ao sul do país, onde está concentrada a maior parte da terra para agricultura, entre muitas outras riquezas, como petróleo, urânio, hidrelétricas, o que paradoxalmente torna essa região extremamente pobre, com níveis de desigualdade social alarmante, com a superexploração dos trabalhadores da terra, forçando regimes de trabalho análogo a escravidão, realidade não muito diferente das regiões do norte e nordeste do Brasil. Esse projeto apenas intensifica a miséria que vinha sendo promovida desde a invasão do continente pelos Espanhóis, que usaram a cultura como uma das formas de dominação, conforme trecho a seguir:

Ha habido dos procesos centrales desde el derrumbe del mundo precolombino: la creacion de un virreinato colonial espanol a partir de las unidades politicas y etnicas existentes, y el desarrollo de un estadonacion mexicano moderno a partir del antiguo virreinato. Se puede ver de inmediato que en ambos procesos coexistieron discontinuidades y continuidades. Las discontinuidades y diferencias radicales entre el Mexico contemporineo y las eras

¹. Yaqui é uma tribo mexicana que as autoridades consideravam como ferozes e portanto legitimavam sua escravidão e extermínio, segundo Zarcón (2006).

precolombina y colonial hacen imperativo que no escribamos la historia hacia atrás desde la perspectiva de nuestros días. (HAMNETT, 2013, P. 15)

O país viveu, depois dos Espanhóis, uma sucessão de golpes, ditaduras, guerras civis, revoluções, todos foram conflitos violentos que culminavam em colocar no poder outra pessoa que poderia agora “resolver as crises” e melhorar as condições de vida da população. Mas os governos que se estabeleceram depois desses momentos conturbados estavam mais preocupados em movimentar a economia e passar uma imagem de estabilidade política no cenário internacional. O povo mexicano, por diversas vezes traído continuava a ser massacrado, a morrer de fome e outros males em decorrência do roubo de suas terras, em especial as comunidades indígenas, que nunca tiveram seus direitos reconhecidos e respeitados por nenhum governo, mas continuaram a resistir de inúmeras formas, apesar das violentas represálias. A proximidade com o movimento indígena do Brasil me levou a questionar as estratégias de retomada das terras pelos zapatistas e as formas de se manter no território por tantos anos.

O EZLN e o povo que lhes apoiam não acreditam mais que os “de cima”, da classe dominante, terão uma solução melhor para suas vidas do que a que eles estão construindo de maneira autônoma a partir da necessidade de autodefesa e auto-organização. Para entender a complexidade e a dinâmica dessa luta, essencialmente indígena, que representa diversas etnias, precisamos abandonar as divisões costumeiras, entre certo/errado, violento/pacífico, líderes/povo, centro/periferia, pois o movimento pretende romper com essa lógica, conforme o texto em curso. Uma das particularidades destes povos é o resgate de sua tradição, de sua história que influenciou diretamente e decisivamente a organização política e social, mas não deixam adotar e enxergar novas e essenciais questões, como a luta da mulher, que não pode mais ser secundarizada. É no processo de construção das comunidades que se aprende a transformar o cotidiano, ao seu próprio tempo, entendendo que esse projeto nunca estará completo, não há um momento de equilíbrio perfeito que se mantenha, ou uma sociedade que não possa ser melhorada, visto que todo coletivo exige mudanças e revoluções constantes.

Apesar de inúmeros artigos e trabalhos abordarem a história dos Zapatistas, não estão esgotados os debates sobre suas particularidades e influências, quer seja localmente, quer seja internacionalmente. Considerando que suas formas de organização e resistência mudaram ao longo desses 24 anos, ainda se tem diversas possibilidades de análises e interpretações. No decorrer do trabalho abordarei principalmente a perspectiva de autonomia das comunidades zapatistas e sua

construção diária, investigando as estruturas que possibilitaram a independente e ruptura com o Estado. A questão da mulher zapatista estará presente o decorrer da pesquisa, especialmente nesse contexto de luta campesina e indígena, buscaremos entender suas motivações e como tentam romper com as estruturas patriarcais e machistas sem negar a tradição, e ao lado dos homens, se defendendo das violências físicas e simbólicas, dentro e fora do EZLN.

A ideia não é produzir mais um trabalho que analisa uma comunidade distanciando-se dela, estigmatizando ou romantizando, contando a história do outro, do que é diferente, por mera curiosidade acadêmica, a relevância desse debate é por entender a importância histórica, cultural e de resistência desses povos e a capacidade que notadamente esse movimento teve e tem de inspirar e renovar a confiança de outros grupos, fortalecendo a união desses a partir dos seus próprios meios e princípios.

2 JUSTIFICATIVA

“Se o sistema não te permite viver como ser humano, mais do que lutar, se rebelar e dizer que tem outra alternativa para mudar o mudo, se não você se apodrece, se torna um zero. Um zero na história, que é isso que propões as grandes corporações transnacionais.” - Javier Elorriaga, Coordenador Nacional do EZLN.²

O movimento Zapatista, seus valores e sua organização, pode inspirar os povos oprimidos nos seus processos de resistência e insurgência por tornar visível os inimigos e seus apoiadores, assim como por elucidar formas coletivas de lutas, de modo que particularidades não sejam nem secundarizadas, nem individualizadas. A construção de um movimento consistente o suficiente que consiga, em seu interior, superar as contradições que surgem, a partir da democracia de base e da consciência de classe, uma vez que não existem erros ou acertos individuais mas coletivos, pois as consequências desses vão, inevitavelmente, recair sobre todos.

Eles, do EZLN e demais zapatistas, identificam que o problema não é só o Governo mexicano, na figura de um partido ou de outro, mas sim a opressão de uma classe hegemônica (rentista, monopolista e exploradora) sobre outra (indígena, pobre e explorada) em um modelo de exploração local e mundial, que se apoia em diversas estruturas (econômicas, sociais, midiáticas e legislativas) para se manter. E o povo que na medida inversa do crescimento dos lucros do capital, sofre suas consequências mais cruéis, têm a tarefa de entendê-lo, resistir a ele e tentar destruí-lo. Percebe-se, deste modo, que o movimento se opõe aos modelos de organização hegemônico do capitalismo, capturados pela lógica da coexistência entre estado-nação e capital (aos moldes de diversos movimentos já envoltos dentro da lógica estatista) e, neste caso, não se permite a ingenuidade de acreditar nos discursos falaciosos da classe dominante, que tenta de tudo para manter sua posição privilegiada. Essa percepção encoraja e fomenta a classe trabalhadora (de setores fabris a trabalhadores assalariados rurais) a se organizar entre si, a ampliar sua visão mais geral de mundo e no mundo, mas que parte do exemplo na ação prática, e não se submete a uma condição fantasiosa de um suposto bem-estar social e uma imagética paz social, que na verdade representam uma política histórica de exploração de classes e que tem a clara intenção, no imaginário zapatista, de desmobilizar as ações de base dos “de baixo”.

Historicamente as dificuldades que se sucederam nos modelos organizativos dos zapatistas em sua busca por autonomia e reconhecimento como povo originário, gente e trabalhador são inúmeras, mais ainda, as de permanecer organizados (criando uma condição ideológica e de união

². Entrevista dada à diretora Nettie Wild no filme “Um lugar chamado Chiapas” de 1998.

prática em modelos de autogoverno que abarcassem amplas camadas sociais) em contexto de agressões armadas estatais criando-se um cenário de bélico. O desenlace de tais confrontos pode ser interpretado sob uma dupla visão: de um lado a questão clássica das guerras entre as classes, onde seus interesses irreconciliáveis se chocam até o ponto da agressão direta. E sob outro ponto de vista, o contexto do choque de dois mundos que se exemplifica de modo mais contemporâneo na querela entre pensamento colonial e pós-colonial. Assim se justificam os processos imanentes do movimento zapatista, procurando superar cotidianamente suas limitações internas, sem ter um recorte ideológico específico, marxista ou anarquista, constituem assim suas próprias referências e constroem pontes internacionais com outros povos em lutas, criando uma rede de apoio mútuo que os ajudam a resistir a essa ofensiva imperialista, e nesse ínterim, disseminam sua luta e destroem a bolha criada pelo estado mexicano para isolá-los em seu território.

Magonismo e Zapatismo dizem também que os indígenas não querem mais ser objetos passivos de estudos, teorizações, projetos e experimentações organizados pelo governo contra os interesses dos índios: pelo contrário, querem voltar a ser donos dos seus próprios destinos, e defender a sua cultura tradicional. Quando as pessoas de cultura ocidental ouvem falar de “cultura tradicional”, em linhas gerais, ativa-se um preconceito: a identificação entre categoria e de atraso cultural, na esteira de um evolucionismo, filho da ideologia burguesa do século XIX, que recusava legitimidade às culturas que não fossem a sua própria. Mas não é assim. Tratam-se simplesmente de diferentes culturas. (ZARCONE, 2006, p.61)

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a construção da autonomia Zapatista e as estruturas que a possibilitam, fazendo um recorte étnico e de gênero.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Buscar compreender as noções de autonomia e resistência zapatista como projeto político.
- Compreender o movimento indígena, em especial da mulher indígena, a partir da organização Zapatista e do EZLN.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉXICO

4.1.1 Colonialismo

Para contextualizar as lutas políticas do México é preciso voltar para os séculos XIV e XV, antes da chegada dos Espanhóis, na época do Império Asteca, onde já haviam relatos de crueldade e dominação dos outros povos, características semelhantes à nação, impondo seu modelo de civilização. O centro desse império foi destruído e sob suas ruínas foi construída a capital do que passou a se chamar Nueva España, esse lugar, onde está situado a Cidade do México é um símbolo do domínio Espanhol. Apesar das tentativas dos colonos, genericamente falando, de apagar a história do povo antes da chegada nas Américas, alguma raízes mais profundas permanecem, assim como no Brasil, é importante salientar que não foram todas as comunidades que se desligaram da sua ancestralidade, que mesmo depois de séculos de colonização, ainda preservam aspectos tradicionais anteriores à invasão, isso vai ser importante para entendermos as relações de poder no México no decorrer da história (HAMNETT, 2013). Dessa forma podemos entender mais claramente as diferenças entre as regiões do México e seus projetos revolucionários ou contrarrevolucionários que disputavam o poder ou tentava destruí-lo, as diferenças marcantes entre sul e norte do país é o primeiro passo para entendermos a política conturbada do México, que ainda hoje chama atenção pela violência alarmante.

Estudar o colonialismo e a colonialidade, em qualquer que seja o país, devem envolver inúmeros fatores, os estudos mais aprofundados nos mostram que não foram mudanças somente político-econômicas, mas em praticamente todos os aspectos da vida das pessoas chamadas genericamente (vulgarmente) de “índios”. Esses “índios” foram submetidos a escravidão e foram massacrados de diversas formas, a cultura dos colonizadores penetrou tão profundamente na matriz cultural desse povo que hoje é difícil separar os elementos que foram incorporados e os que já estavam presentes, e desta forma, nas análises hodiernas não se pode entendê-las separadamente. A religião, por exemplo, foi uma ferramenta utilizada como forma de controle, que ainda hoje são marcantes na maioria das comunidades. O Cristianismo substituiu as diferentes crenças que os indígenas tinham, ainda que não tenha conseguido fazer uma limpeza étnica por completo, sua interferência mudou estruturalmente os povos de toda a América, especialmente no tocante ao papel da mulher, conforme Rita Segato:

E, por outro, que quando essa colonial / modernidade intrude o gênero da aldeia, modifica-o perigosamente. Intervém na estrutura de relações da aldeia, apreende-as e as reorganiza a partir de dentro, mantendo a aparência de continuidade mas transformando os sentidos, ao introduzir uma ordem agora regida por normas diferentes. É por isso que falo, no subtítulo, de verossimilhança: as nomenclaturas permanecem, mas são reinterpretadas à luz de uma nova ordem moderna. (2012, p. 118)

O colonizador conseguiu se inserir e se misturar com a matriz cultural indígena, se confundindo com os elementos tradicionais anteriores de forma que não se pode mais separá-los. Pode-se dizer que as mulheres foram especialmente prejudicadas nesse processo pois os traços patriarcais presentes em algumas sociedades foram intensificados e adquiriram formas mais cruéis. A mulher foi violada de inúmeras formas, em todas as sociedades, mas especialmente na região que vai do México à América do Sul. Seu corpo agora pertencia aos Espanhóis, que conseqüentemente também eram donos dos seus filhos, os crioulos, mesclando de forma brutal as duas “nações”, aumentando a presença de europeus em outros continentes. Essas violências vão influenciar a luta das mulheres zapatistas no que se refere à relação com a maternidade e a família. As mulheres indígenas foram estupradas, para gerar herdeiros, ou seja, sua capacidade reprodutiva foi domada e passou a servir à Coroa espanhola. Além de terem sido dizimadas por conta das doenças trazidas, foram eliminadas também por serem fundamentais no campo, por terem uma ligação milenar com a terra e tudo que nasce dela. Como o México era uma colônia essencialmente agrícola e muito rica por isso, a mulher deveria ser sistematicamente afastada dessa função, seu mérito não seria por gerar riqueza, mas por servir aos homens.

A história da perda de liberdade é, ao mesmo tempo, a história de como a mulher perdeu sua posição e desapareceu da história. É a história de como o macho dominante, com todos os seus deuses e servidores, governantes e subordinados, sua economia, ciência e arte, conseguiu o poder. A queda e a perda da mulher são, portanto, a queda e a perda de toda a sociedade, resultando em uma sociedade sexista. O homem machista tem tanto interesse em estabelecer seu domínio social sobre a mulher que converte qualquer contato com ela em mostra de dominação. (ÖCALAN, 2016, p. 28)

A lógica da colonialidade não existe somente como organização externa, do mundo, existe também como uma matriz conceitual (epistêmica) internamente, dentro das estruturas, dentro do povo, inteiramente absorvida. Depois que os conceitos são construídos nessa lógica, mesmo que se tire a condição de colonização o funcionamento continuará o mesmo, pois a forma de pensar já foi modificada, as epistemologias foram transformadas e muito dificilmente retornam ao que era antes, portanto, se limitar às categorias postas não transpassam o limite colônia

4.1.2 Guerras e Governos

“La libertad no se conquista de rodillas, sino de pie, devolviendo golpe por golpe, infringiendo herida por herida, muerte por muerte, humillación por humillación, castigo por castigo. Que corra la sangre a torrentes, ya que ella es el precio de su libertad” - Ricardo Flores Magón³

Influenciados pela revolução francesa, os mexicanos tentaram sua independência no começo do século XIX, foram muitas e sangrentas tentativas, começando em 1810 com o Grito de Dolores lançado por Miguel Hidalgo (BETHELL, 1991) que foi fuzilado posteriormente, depois de já ter cumprido seu papel de inflamar as massas exploradas. José Maria Morelos, outro padre, deu continuidade a esse processo e conseguiu grandes avanços, considerado o principal líder insurgente, formulando melhor as propostas políticas e as estratégias que seriam utilizadas. Morelos também foi fuzilado, em 1815, a independência só foi proclamada em 1820 e Agustín de Iturbide proclamado imperador em 1821 (ZARCONE, 2006).

Infelizmente a luta pela independência não representava uma luta por liberdade, posto que o México continuou dependente da Espanha. A neutralização dos processos revolucionários de independência ocorreram de forma direta, através do confronto, e indireta, visto que a situação estava insustentável, ou seja, a independência era eminente, a tentativa agora era de contornar para um estado de dependência econômica evitando a emancipação do povo, que passaram então a ser escravizados pela sua nação, que não era menos injusta que as demais.

Como era óbvio, a independência não resolveu qualquer problema do país, e teve início um período bastante longo de convulsões políticas, sociais e econômicas, ditaduras, intervenções militares estrangeiras (EUA e França), perda de quase metade do território primitivo, tragado pelo imperialismo *yankee*, motins populares e repressões. Problemas que existem ainda hoje; naturalmente na mudança de contextos que seguiu a revolução de 1910, por causa da normatização feita pela burguesia “radical” que saiu vencedora. (ZARCONE, 2006, p. 18)

O resultado desse processo foram 20 anos de instabilidade política que deixaram o país em uma situação econômica bem desfavorável, até que em 1861 chega Benito Juárez com seu liberalismo radical. Esse governo, que vai de 1861 a 1872, começou o projeto de desenvolvimento do país, apoiando a burguesia interna, privatizando parte e estatizando outras, como traz o seguinte trecho:

Juárez nacionalizou os bens da Igreja, ou seja, as propriedades e outras riquezas do clero passaram a pertencer ao Estado. As terras foram vendidas para alimentar a economia do País, que enfrentava dificuldades. Essas medidas também afetaram as comunidades

³. Ricardo Flores Magón foi uma poeta anarquista e revolucionário mexicano que atuou contra o regime porfirista.

indígenas, acusadas de atrapalhar o progresso ao produzir apenas para a própria subsistência. Assim, com a finalidade de estimular a produção para o mercado, e com a justificativa de que isso melhoraria a vida dos índios, o governo loteou parte das terras indígenas, transformando-as em propriedades privadas. (CNEC, p. 7)

Posteriormente, 1876, deu-se início a ditadura de Porfírio Díaz, determinante na história do México e conseqüentemente dos indígenas, pois intensificou-se a miséria no campo e nas cidades, embora o país vivenciasse uma grande ascensão econômica (BETHELL, 1991, p. 193). Esse governo foi determinante para a integração do México no mercado globalizado, a política porfirista consiste basicamente de vender o México para outros países, em especial Estados Unidos, Inglaterra, aumentando o lucro do governo e intensificando a miséria do povo. O investimento se concentrou em três bases: petróleo, mineração e instituições financeiras. Ferrovias foram construídas para possibilitar o deslocamento de toda essa mercadoria, em 30 anos foram construídos mais de 18000 km de linhas férreas (RIZZI, 2016). Para que esse crescimento fosse possível Porfírio precisava do controle das áreas rurais e para isso criou uma força militar rural, os *rurales*, e dissolveu o *ejido* (terra de uso comum) (CNEC, p. 7), as duas ações prejudicam diretamente os povos indígenas e camponeses, aumentando exorbitantemente a população sem-terra, que ficavam dependente dos grandes fazendeiros para sobreviver.

As mudanças políticas de liberal para ditadura militar, dois governos que eram tão diferentes e iguais quanto podiam ser, tentando pacificar, eliminando as lideranças e possíveis focos insurgentes, para deixar o país atraente para investimento que fortaleceu a burguesia nacional, como no primeiro governo ou externa, como no segundo. Depois de ter perdido nas eleições para Juárez, Díaz e seu fiel exército tomaram o Estado, com o apoio dos Estados Unidos, que muito lucraram com as privatizações realizadas durante a ditadura. É importante perceber como os Zapatistas atentaram para a relação direta entre o capital exterior e o interior, a relação de subserviência dos governos nacionais aos desmandos imperiais, e estas relações com situação de superexploração e expropriação de terras dos povos camponeses e originários, sendo assim a burguesia nacional não é melhor que nenhuma outra, e aliar-se a ela não resolverá os problemas estruturais da população, pois ela já é parte ativa do problema, assim:

Os indígenas mexicanos desde a independência foram vítimas de processos políticos e culturais que ofereciam somente duas possibilidades: marginalização ou integração na sociedade dominante, deixando ao lixo a identidade indígena. (ZARCONE, 2006, p.60)

Todos esses momentos foram decisivos para a eclosão da Revolução Mexicana de 1910, que consagrou Emiliano Zapata como herói nacional. A revolução teve várias etapas e 3 diferentes forças insurgentes que não tinham acordo político, embora tivessem feito, em algum momento, alianças táticas, especialmente o movimento de Zapata, ao sul, e Pacho Villa, ao norte. O outro movimento, também armado, era liderado por Francisco Madero e tinha o objetivo de conquistar o poder, atuando também dentro da legalidade.

Havia dificuldades e divergências entre os líderes das diferentes tropas insurgentes. Apesar da grande adesão inicial à convenção, o espaço não cumpriu seu objetivo de construir um programa de ação comum. Cada um dos diferentes movimentos revolucionários tinha sua própria opinião – e, em muitos casos, programas detalhadamente elaborados – a respeito de quais seriam as medidas necessárias para, entre outros pontos, fazer avançar e possivelmente resolver a mais premente das questões mexicanas: a questão agrária. (RIZZI, 2016, p. 14)

Era evidente que em algum momento essas três correntes iriam se chocar, pois os objetivos eram muito diferentes, enquanto Madero queria a presidência, Zapata acreditava no autogoverno, lutava pela terra, para que (os que nela produziam) tivessem autonomia sob ela.

Nosso trabalho visa descobrir as influências das ideias de Zapata e seu modelo de resistência bélica (por terra e liberdade) para com os insurgentes dos dias atuais, para assim compreendermos a linha causal destes acontecimentos históricos, que aparentemente persistiu na memória coletiva e resultou na formação de resistências criativas dos povos que hoje em dia estão nesta luta e se auto-intitulam “zapatistas”. Vale ressaltar a importante presença das mulheres nos exércitos populares de 1910 e, na mesma medida nos territórios hoje autogovernados e no EZLN, assim dando continuidade a esta tradição de luta e resistência, camponesa, indígena e feminina.

Ainda que estivessem presentes na guerra, de diversas formas, a história das *soldaderas*, também conhecidas como Adelitas (TOSI, 2016), é pouco falada, minimizando a importância da mulher nos processos políticos que mudaram, nem sempre pra melhor, o rumo do país. Porém, é inegável a participação das mulheres nesse momento, segundo Tosi (2016), foram diversos os motivos que levaram as mulheres a se armar e ir para a guerra, mulheres de diferentes idades e que desempenhavam diferentes funções, cuidando dos feridos, provendo a alimentação e empunhando armas nas frentes de batalha, a questão a se pensar é: Por que a história hegemônica tenta cobrir os

rastros dessas guerrilheiras? Ainda que seja deturpando sua atuação, como fica exemplificado no trecho:

Aos poucos, as demais mulheres que lutaram na Revolução também ficaram conhecidas como Adelitas. E não foram poucas, muitas mulheres *seguiram seus maridos* e atuaram nas lutas ou *deram suporte aos revolucionários*. (CNEC, p. 14, grifo nosso)

O objetivo é claro: reduzir, subordinar, deturpar. Toda a história contada pelos grandes homens exaltam a submissão da mulher, limitam seus espaços ao “doméstico”, diminuem sua relevância social, despolitizam. Não se pode dizer ao certo como eram as relações de gênero das sociedades antes da colonização, mas é fato que todas as formas de governos se apoiam em opressões de diversos tipos, a opressão da mulher foi naturalmente incorporada às estruturas de controle social, mas para isso precisa da legitimação social, de uma narrativa de transforme a mulher em um sujeito propício a ser dominado e por ser inferior não tem importância política. Rita Segato explica que nem sempre o espaço doméstico esteve separado do público e que essa separação fez diminuir a influência das mulheres, como mostra no seguinte trecho:

Isto significa, para o espaço doméstico e quem o habita, nada mais e nada menos que um desmoroamento de seu valor e sua munção política, ou seja, de sua capacidade de participação em decisões que afetam à coletividade toda. As consequências desta ruptura dos vínculos entre as mulheres e do fim das alianças políticas que eles permitem e propiciam para a frente feminina foram literalmente fatais para sua segurança, pois tornaram-nas progressivamente mais vulneráveis à violência masculina, por sua vez, potencializada pelo estresse causado pela pressão exercida sobre os homens no mundo exterior. (SEGATO, 2012, p. 121)

Isso prova que a luta da mulher tem sempre mais obstáculos que a dos homens, ainda que pertençam a mesma classe e a mesma realidade política, as mulheres primeiro travam disputas internas, à medida do possível, para que possam estar presentes nas lutas anticapitalistas. Lutar por seu povo é uma conquista histórica, que subverte a divisão injusta de papéis intensificada pela moral e os bons costumes da classe dominante.

Em suma, as campanhas para excluir as mulheres e para suscitar a admiração pelo conquistador, pela estrutura de autoridade do guerreiro, estavam intimamente relacionadas. O Estado como instituição foi invenção dos homens, e as guerras de pilhagem e saques eram quase o seu único método de produção. A influência social da mulher com a base na produção foi substituída pela influência social do homem com base em guerra e pilhagem. (ÖCALAN, 2016, p. 46)

A luta da mulher contra o machismo dentro de uma revolução campesina e indígena é uma das marcantes particularidades do EZLN, que difere e recusa as teorias feministas proveniente dos Estados Unidos e Europa. Para entender as características de movimento de mulheres, a pesquisa se

aprofundará na organização interna das comunidades e nos princípios, relacionando com a desconstrução do machismo em seu seio.

4.2 CONSTRUÇÃO DO EZLN

4.2.1 Organização interna

Non somos muit@s, é verdade. Mas somos. E nesses tempos de indefinição conveniente, ilusões e evasões, isto, foi, são, é e será a peça ou o sonho que sonhamos necessário para colocar para andar a realidade em seu longo caminho. (Sub. Marcos, 2008, p. 142)

O PRI⁴ governou o México de 1929 aos anos 2000, embora tenha impulsionado a economia e a industrialização do país, mantendo a estabilidade política durante a maior parte do tempo, as diferenças entre o campo e a cidade continuavam a aumentar. Em boa parte dos Estados houve um crescimento da população da cidade, praticamente só os estados do sul mantinham maioria rural, no entanto o Governo destinava a maior parte da renda para o desenvolvimento urbano.

No início dos anos 90, o avanço das políticas neoliberais tornavam a condição de vida cada vez mais insuportável para as comunidades indígenas e camponesas de todo o México. A crise econômica e as reformas energéticas, trabalhistas, fiscais e fundiárias, que preparavam o país para assinar os Tratados de Livre Comércio com os Estados Unidos da América, levavam ao aumento da violência, da precarização do trabalho, do esbulho dos recursos naturais e das terras comunais. (MEMÓRIA E SOMBRA, 2014, p. 7)

O país passou por crises econômicas e retrocessos desde 1968, reformas constitucionais geraram insatisfação, e sempre se mantinha a política de retirada de direitos indígenas e precarização da zona rural. Em contrapartida, quase que por instinto de sobrevivência, mas também por uso de saberes milenares foi-se criando entre os povos estruturas independentes que pudessem melhorar as condições de esquecimento a que forma colocados, isto foi herdade e fundido aos princípios e práticas zapatistas.

[...] mesmo antes da chegada do zapatismo, os povoados indígenas garantiam a sobrevivência através da propriedade coletiva da terra, do trabalho pensado e realizado a partir das necessidades e do envolvimento de todos, das decisões tomadas por consenso em assembleias comunitárias, de uma longa tradição de luta e resistência. (GENNARI, 2004, p. 44)

Naturalmente os indígenas e camponeses tinham necessidades urgentes e a partir dessas demandas concretas passaram a se organizar, visto que não podiam contar com o auxílio do governo. Uma das características fundamentais do zapatismo é que ele não surge através de grandes

⁴. Partido Revolucionário Institucional (PRI), um dos principais partido mexicanos.

teorias de derrubar o governo e construir uma sociedade socialista, surge principalmente de demandas concretas necessárias para a sobrevivência do povo, por esse motivo sua pauta principal é o direito à terra, trazendo a memória de Zapata e o lema “Terra para quem trabalha”.

De muitas formas o EZLN se diferencia dos demais movimentos revolucionários que atuam hoje no mundo, principalmente porque o contexto onde está inserido é desafiador e ímpar. Apesar de suas várias dificuldades (saúde, educação, alimentação e moradia) e das diferenças étnicas entre os membros (possuem diferentes línguas, costumes, valores internos), os zapatistas lutam para serem vistos e ouvidos, para que suas demandas não sejam mais invisibilizadas e que os diferentes povos possam viver plenamente em seus territórios, conservando sua cultura. A ideia não é torná-los iguais para que possam ser solidários uns com os outros, o princípio de padronizar é característico dos colonizadores pois “esse engessamento de posições identitárias é também uma das características da racialização, instalada pelo processo colonial moderno, que impele os sujeitos para posições fixas dentro do cânone binário” (SEGATO, 2012), os Zapatistas, a medida do possível, lidam bem com a diferença, a partir do diálogo e da democracia – ouvir e respeitar o outro – independente de ser mulher, homem ou jovem.

Em assembleia para tomar uma decisão os idosos são escutados e respeitados, mas também os jovens e as mulheres tem direito a opinar, e se setem afetados pelas posições podem se opor as suas conclusões. Assim, se conseguiu que as decisões fossem tomadas por todos, o que permitiu a convivência de respeito mútuo. (FERREIRA, 2016, p. 256)

É importantes naturalizar o que entendemos como contradições, pois podemos nos depara com vários paradoxos colocados propositalmente pelos Zapatistas, para que entendamos a complexidade de sua filosofia que não se orienta da direita para a esquerda ou da periferia para o centro, mas nos faz refletir sobre a ineficiência desses conceitos, diante da vida material, que é tão complexa e cheia de “poréns”. Nesse sentindo suas estratégias e organização interna não separa teoria/prática, político/cultural, doméstico/público, líderes/seguidores, os constroem paralelamente de modo que possam se fortalecer e não se anular. Como diz Comandante Ramona: “A voz que se arma para ser ouvida, o rosto que se esconde para se mostrar”⁵. Na prática, isso quer dizer que apesar de assumirem uma postura militarizada de exército, ainda prezam pelo diálogo, mas para isso precisaram se armar e demarcar suas terras através do confronto, prezando, acima de tudo, pelo apoio da comunidade, por saberem o custo humano da guerra. Tendo em vista o poder militar que o governo mexicano tem (estima-se que em torno de 70 mil soldados), permanecer em confronto direito seria suicídio, por isso dialogam e negociam com os de cima, lançam comunicados,

⁵. Documentário Revolução Mexicana produzido pelo History Channel

organizam assembleias, falam a todos o que querem, mas se preparam para não serem atendidos, mantêm-se armados e atentos.

Como soldados que lutam para que os soldados não sejam mais necessários os zapatistas também querem a paz. Mas não é uma paz qualquer. É a paz que virá “pela mão da democracia, da liberdade e da justiça para todos os mexicanos”. O diálogo continua e aponta caminhos concretos para a sua realização. (GENNARI, 2004, p. 51)

Por ser um movimento que parte de suas bases sociais e pressupõe de fato a radicalização da democracia direta como princípio e prática é, de certa forma, mais propício a colocação da mulher enquanto sujeito também político. Por evitar a divisão em categoria e estimular o questionamento sobre as estruturas que foram criadas para oprimir é que o movimento tem potencial de superar a questão de gênero de forma genuína, escutando (satisfeitos ou não) as demandas das mulheres, que também estão descontentes com sua situação de vulnerabilidade social. Como o elemento central é a terra é necessário focar na relação ancestral da mulher com a agricultura, para entendermos porque ela é parte fundamental e atuante nessa luta. A mulher neste contexto, torna-se, elemento fundamental de debate e chave de compreensão para a compreensão da questão milenar da resistência destes povos e de sua marcha ancestral por terra, dignidade, território livre e visibilidade, fica visível que a luta da mulher é a luta do povo e vice-versa. Segundo Öcalan (2016) a mulher tem uma forte ligação com a natureza, algumas comunidades indígenas fazem a ligação da mulher-mãe com a terra, a simbologia de gerar, alimentar, de fertilidade. A importância da mulher no cultivo da terra, especialmente em comunidades indígenas abre possibilidades de disputa uma posição social satisfatória.

As mulheres, desde o princípio, começaram a se aproximar do exército, situação que causava alguns estranhamentos, e ainda causa, como pontua Marcos, “nosotros no erámos feministas, éramos bien machitos... y quizás lo seguimos siendo” (MEMORIA E SOMBRA, 2014, p. 6)

Longe de romantizar (idealizar) a mulher indígena e camponesa, esse movimento que luta pela liberdade do povo está longe de alcançar seu clímax, ainda se tem diversos problemas internos, ainda tem muito o que avançar, incluindo a questão da mulher. Compreender a imperfeição da realidade e das pessoas não seria, pois, fator de anulação delas, mas de trabalhar em uma perspectiva educativa, superando o que for entendido como limite ou injustiça.

Eles são um exemplo da possibilidade real de construir algo novo a partir de baixo. Acontece que, à diferença de outros movimentos revolucionários que almejam o poder para, em seguida, construir uma nova sociedade, o zapatismo percorre o caminho inverso: desenvolve e fortalece novas relações, se prepara para defendê-las e faz da vida no interior das comunidades o embrião de um modelo de sociedade cuja força questiona a ordem existente e dialoga com as mais diferentes culturas, realidades e movimentos. (GENNARI, 2004, p. 48)

Para tentar garantir o bom funcionamento de toda região zapatista em Chiapas, que, além de ficarem distantes são de difícil acesso (são regiões montanhosas), o EZLN criou, em 2003, estruturas administrativas chamadas de Caracóis e Juntas de Bom Governo (instâncias civis de coordenação regional) para que as cinco regiões estejam em equilíbrio e constante diálogo, ainda que seja garantida a autonomia dos diferentes municípios autônomos, pois a instância máxima de deliberação são as assembleias comunitárias feitas em cada município pelo conselho autônomo, como uma política de baixo e para todos (SANCHÉZ, 2015). Esses caracóis funcionam auxiliando a divisão de tarefas e formando uma rede de solidariedade entre as regiões. Tendo em vista que não dependem das estruturas governamentais, as pessoas se dividem voluntariamente em diferentes funções para garantir o bom funcionamento das necessidades básicas da comunidade, como a educação (que segue as tradições e ensinamentos indígenas), os postos de saúde (atuam principalmente com a prevenção de doenças e também tentam resgatar práticas ancestrais), as plantações (trabalhadas coletivamente e para consumo interno, o excedente é doado para outra região que precise ou vendido). Todas elas são mantidas pelos zapatistas e são fundamentais tanto para a sobrevivência das pessoas na selva, como para garantir a manutenção da autonomia dos municípios.

4.2.2 Princípios

A proposta aqui é relacionar esses princípios e valores com sua importância na continuidade do processo de resistência. Entender como eles estão ocorrendo na prática e se estão alcançando os resultados esperados. E, a partir daí compreender de que maneira tais princípios podem evitar a degeneração do movimento zapatista.

1. Autonomia/Autogoverno

A autonomia foi sendo construída de várias formas no campo a partir da descrença em partidos e autoridades e talvez seja a questão central do zapatismo. Entendendo que a autonomia não é apenas um princípio ou uma forma de organização, é necessário aprofundar as pesquisas destes tópicos para analisar como os zapatistas conceituam e constroem essa autonomia na prática, nas relações do cotidiano, e este é um dos intentos deste trabalho. Buscando compreender os elementos que são fundamentais para que ela seja possível, como a democracia de base

(autogoverno) e as consequências que essa prática vem gerando no coletivo social interno (nas comunidades e subjetividades).

Porém, a luta por autonomia tem uma forte tradição no México. Trata-se de um longo processo histórico, no qual os povos indígenas têm buscado resistir às tentativas governamentais de incorporá-los autoritariamente à “cultura nacional” e do qual o EZLN é apenas seu último expoente – talvez o mais radical. Apesar de que no decorrer desse processo as estratégias políticas das diferentes organizações camponesas e indígenas tenham mudado, o eixo central que lhe dá fundamento ainda é o mesmo: o acesso à terra. (GONÇALVES, 2008, p. 30)

Não se trata de entender a autonomia, neste caso, apenas como o direito que foi conquistado, mas como algo que é trabalhado continuamente tanto a nível individual quanto coletivo, que tem reflexos práticos, de manutenção das estruturas fundamentais, mas também cognitivos, pois se aprende, no seio do corpo social, a ter autonomia. As decisões são tomadas em assembleias que são muito educativas por estimular diferentes posicionamentos e debates, colocando a todos a responsabilidade pelo futuro da comunidade, esse é o modelo de democracia direta. Diferente do que conhecemos por democracia, o modelo zapatista tenta não excluir as “minorias”, escutar a todos igualmente e tudo é decidido pelas bases. Ainda que se tenham representantes, que facilitam a comunicação entre os municípios autônomos, esses podem ser substituídos e destituídos (possuem mandatos imperativos) a qualquer momento, além de não receberem remuneração ou ficar isento dos trabalhos coletivos. Os comandantes e as comandantas defendem o que foi debatido e aceito pela comunidade, que não fica neutra nas decisões que são tomadas a nível nacional ou mesmo estadual. Essa metodologia previne hierarquias e autoritarismo além de estimular a crítica e a autocritica, resolvendo de forma criativa os problemas que podem enfraquecer as comunidades. É muito comum que as mulheres se coloquem efetivamente nesses espaços, travando uma luta contra o machismo internamente. Assim tal modelo, possibilita uma problematização modelo de gestão/decisão patriarcal, e logo:

O movimento desde o princípio se colocou “a serviço do povo”, e sendo assim, cabia que fossem abertos espaços de diálogo. As mulheres representam ainda a presença do EZLN nas comunidades e a demonstração de que as demandas são das comunidades. (SILVA, 2018, p. 90)

Contudo, a questão central é a terra (espaço territorial, ontológico, e espaço econômico) e o modelo que foi colocado pelo governo para distribuição de terra que não agradou e nem contemplou a maioria da população, que se sentia impotente e fora enquadrada nos padrões e normas que foram colocados como pré-requisito, ainda assim o governo não dava mínimas estruturas de sobrevivência, nem garantia a defesa do povo. Diante desse entraves outras organizações

independentes foram se colocando de forma mais enfática e agressiva, antes mesmo do levante zapatista, criando um clima de tensão no campo que ajuda a explicar o grande apoio popular aos zapatistas, como é percebemos nas passagens a seguir:

[...] pois como seria possível recorrer ao amparo dos direitos estatais sem propor a progressiva dependência de um Estado permanentemente colonizador cujo projeto histórico não coincide com o projeto das autonomias e da restauração do tecido comunitário? É contraditório afirmar o direito à autonomia e, simultaneamente afirmar que deve-se esperar que o Estado crie as leis que deverão defender os frágeis e prejudicados dentro dessas autonomias. (SEGATO, 2012, p. 110)

2. Questão indígena

Sentiremos a ética zapatista, através das palavras, como se pudesse ser tocada, como algo tangível, que podemos pegar, pensar, cheirar, sentir, ouvir, degustar. Que esta ética é, para eles, segundo o Sub. Marcos, que lhes garante coesão interna, os define, lhes da identidade e futuro, mais do que o fato de estarem ou não na mídia, de quantas pessoas existem em suas filas, a clareza ou a radicalidade do seu programa. (FILHO, 2008, p. 17)

A luta do movimento indígena do México é o alicerce dos zapatistas, para bem compreender esse movimento é preciso se aprofundar na questão da pluralidade étnica e como essas diferentes culturas conseguem construir uma organização tão coesa e uniforme. Resgatar elementos culturais que possam fortalecer a luta, que aproxime as pessoas, fazendo com que eles lembrem o que estão defendendo e que essa resistência não se faz apenas nos momentos de confronto. Perceber como, a partir de tantas histórias, de tantos passados diferentes se pode projetar um futuro comum. A relação entre os costumes que são tradicionais e outros que foram sendo adquiridos dão a conformação única desse movimento, precisa-se ainda investigar a relevância desses diferentes costumes no resgate de valores ancestrais para construir um futuro mais coerente.

Percebemos assim que os costumes de um povo são submetidos a escrutínio e deliberação permanente e, em consequência, modificam-se, pois a permanência desse povo não depende da repetição de suas práticas, nem da imutabilidade de suas ideias. Soltamos assim as amarras que sustentam a identidade, sem dispensá-la, mas referindo-a à noção de *povo*, enquanto vetor histórico, enquanto agente coletivo de um projeto histórico, que se percebe como proveniente de um passado comum e construindo um futuro também comum, através de uma trama interna que não dispensa o conflito de interesse e o antagonismo das sensibilidades éticas e posturas políticas, mas que compartilha uma história. (SEGATO, 2012, p.111)

Como sempre foi, o povo continua provendo sua própria alimentação, saúde e educação. O trabalho coletivo é necessário para manter as relações de interdependência, entendendo que a resistência não se constrói individualmente. A relação indivíduo/coletivo é muito harmoniosa nos municípios autônomos, que se difere de forma perceptível e inigualável do individualismo liberal da sociedade moderna (tão enraizados nos modernos sistemas de produção e consumos capitalistas, e

logo, nos modos de vida dos dias de hoje). No zapatismo, os indivíduos são plenos e respeitados, a ideia é que o coletivo não subjuga o indivíduo, ainda que seja mulher, mas tal processo requer ajuda mútua, trabalho e sinceridade, o que queremos averiguar de forma mais amíuê em nossa pesquisa, e a partir de nossas leituras. Porém, já há a compreensão de que na selva, nas montanhas onde vivem, não é possível sobreviver sozinho e que as condições de vida são as mesmas para todos, esse é o princípio de uma sociedade igualitária, onde não teriam privilegiados, todos tem obrigações e responsabilidades com o coletivo.

Os povos indígenas ainda preservam parte de sua cosmovisão e sua eticidade, isso quer dizer que ainda recusam o alinhamento ao modelo eurocêntrico de pensar em si e no mundo. Existem dois conceitos bastante complexos que podem ser aprofundados para nos ajudar a melhor compreender essa diferença, o princípio da dualidade e do Bem Viver. Resumidamente podemos dizer que os zapatistas pensam de forma relacional o que colonizador dividiu em polos separados, o que costumamos entender como oposto ou contradição, na lógica dual estão conectados, como o homem/mulher, teoria/prática, razão/emoção, bem/mal, que rompe com a lógica de centros e periferias (e com as imposições dos centros às periferias, que por sua vez são centros de outras periferias) (FILHO, 2008). Associado a esse entendimento tem-se a construção do Bem Viver nessas comunidades que, mais do que um projeto político é uma filosofia de vida e tem uma conformação particular em cada etnia. Não se trata de seguir uma forma “correta” de organização e de se relacionar com o mundo, mas de ter autonomia para construir dia a dia a melhor forma de exercer plenamente seus costumes e dar continuidade a sua tradição. O modelo de desenvolvimento que vivemos hoje não permite conciliação com as comunidades tradicionais, por não gerar lucro são cada vez mais menosprezadas e sua permanência nessa lógica coletivista não deixa de ser incômodo para o Estado. Nossa pesquisa visa compreender as relações que os modelos de desenvolvimentos neoliberais dos últimos anos vêm causando para os povos originários mexicanos e compreender por que os zapastitas se opuseram a tais modelos. Segundo Kurá Kanamari “Estamos lutando para viver com nossa cultura, falar nossa língua, comer o peixe pescado na hora, sentir o cheiro da floresta, isso é o Bem Viver! Não é Bem Viver estar à beira da estrada, passar fome, sem a nossa terra, que é a nossa mãe”⁶. A questão indígena, aqui pesquisada, é pertinente tanto para entender as problemáticas centrais, quanto para traçar um caminho para revolvê-las, para que possamos, assim, entender aqueles que confrontam esse modelo social, que em sua visão é, insatisfatório. Vimos a descrença que os zapatistas têm nos instrumentos falhos do Estado, esses desacordos não podem ser

⁶. Bonin, Iara. 2015. In. Encarte Pedagógico X: O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade.

resolvidos por dentro dele, mas por medidas populares, como defende Rita Segato no seguinte trecho:

O advento moderno tenta desenvolver e introduzir seu próprio antídoto para o veneno que inocula. O polo modernizador da República, herdeira direta da administração ultramarina, permanentemente colonizador e intervencionista, debilita autonomias, irrompe na vida institucional, rasga o tecido comunitário, gera dependência e oferece com uma mão a modernidade do discurso crítico igualitário, enquanto com a outra introduz os princípios do individualismo e a modernidade instrumental da razão liberal e capitalista, conjuntamente com o racismo que submete os homens não brancos ao estresse e à emasculação. (2012, p. 110)

3. Questão da mulher

São muitos motivos que levam as mulheres à guerra em qualquer que seja o contexto, atuando de forma direta ou indiretamente. A ideia de analisar a mulher nesse contexto se dá na percepção de que o machismo, além de ser um discurso que legitima a violência e a injustiça, é ainda reproduzindo, mesmo dentro, de correntes revolucionárias, estagnando a luta por liberdade. Analisar as origens dessa opressão entre os povos tradicionais também ajudará a entender o posicionamento das mulheres que lutam por liberdade de gênero dentro do movimento zapatista. Analisando os discursos que justificam essa opressão e, por outro lado, tentando identificar os progressos feitos. Observar a atuação da mulher dentro da tradição, dando novas dimensões às estruturas que hoje são usadas para sua submissão e foram, em boa parte, herdadas ou deturpadas pelos colonizadores, como no caso do ambiente familiar,

A despolitização do espaço doméstico o converte em vulnerável e frágil, e são inumeráveis os testemunhos dos novos modos e graus de crueldade na vitimização que surgem quando desaparece o amparo do olhar da comunidade sobre o mundo familiar. Desmorona-se a autoridade, o valor e o prestígio das mulheres e ao decair sua esfera própria de ação. (SEGATO, p. 127)

É natural que o feminismo hegemônico não consiga se encaixar nessa realidade, portanto a pesquisa não terá uma perspectiva feminista eurocêntrica, que não deixa de estar alinhada ao capitalismo. Não se trata de defender a mulher, mas de questionar esses padrões que estabelecem hierarquias, rompendo também com a ideia de que a mulher é um sujeito fixo e preestabelecido e sofrem as mesmas opressões. Esse discurso pode desconsiderar tanto a opressão pelo capitalismo como o papel do homem nessa luta. A universalização do sujeito e dos discursos podem representar um atraso, tanto no discurso de gênero como de autonomia dessas comunidades, que antes de tudo são indígenas e heterogêneas, mas as teorias contemporâneas não tem espaço para o que não se encaixa, o que não pode ser equalizado é entendido como resto, pois não entra para as estatísticas, para as análises sociológicas, não podem ser definidas de forma universal e irrefutável, já que nossa

ciência ocidental trabalha com verdades absolutas. Ou seja, o olhar moderno procura homogeneizar, enquadrar, categorizar, para então “formular” uma estratégia para todas as mulheres igualmente, subestimando a capacidade que mulheres de outros contextos têm de intervir na própria opressão. A resistência à dominação do homem ocorre de formas diferentes, com diferentes armas, é comum que mulheres indígenas respeitem seus costumes tradicionais e seus companheiros, mas continuem a procurar formas de mudar sua posição social dentro de sua cultura, o desafio é investigar como essa questão é entendida nas diferentes etnias que compõem o zapatismo.

Entretanto, não se trata meramente de introduzir o gênero como um tema entre outros da crítica descolonial ou como um dos aspectos da dominação no padrão da colonialidade, mas de conferir-lhe um real estatuto teórico e epistêmico ao examiná-lo como categoria central capaz de iluminar todos os outros aspectos da transformação imposta à vida das comunidades ao serem capturadas pela nova ordem colonial / moderna. (SEGATO, 2012, p. 116)

5 METODOLOGIA

5.1 TIPO DE MÉTODO

A metodologia utilizada na pesquisa será análise documental dos materiais escritos pelos zapatistas desde as declarações de 1994 aos textos produzidos ao longo desses 24 anos, que retratam as diferentes etapas de construção dessa comunidade, como textos primários. Fazer um estudo histórico dos movimentos de resistência no México, abordando preferencialmente a questão da mulher e do movimento indígena, pela relevância que esses têm no EZLN. Terá uma abordagem interdisciplinar por envolver outros aspectos relevantes para seu entendimento como um todo, como a análise sociológica dos conflitos sociais internos e externos e os aspectos antropológicos do resgate de cultura tradicional, relacionando coletivo com indivíduo.

Devido à diversidade de etnias que constroem o as comunidades autônomas zapatistas, textos secundários serão tratados na dimensão intercultural e decolonial dessa sociedade. Textos como os de Rita Segato e Sylvia Marcos que tratam de luta da mulher, evidenciando suas particularidades étnicas e a construção da autonomia, entre outros textos que subsidiarão o debate sobre autonomia tal como ela está sendo construída entre os zapatistas.

5.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Foi considerado que a pesquisa tratará de povos de outros contextos histórico-sociais, de diversas etnias, com diferentes concepções éticas e morais que podem, em algum momento, contrastar com os modelos sociais nos quais fui educada, portanto estabelece limites às colocações do pesquisador.

6 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

[...] La historiografía se nutre de individualidades; la historia aprende de pueblos. (...) Porque la rebeldía, amigos y enemigos, cuando es individual es bella. Pero cuando es colectiva y organizada es terrible y maravillosa. La primera es materia de biografías, la segunda es la que hace historia. Para ellos ni biografías ni museos. Para ellos nuestra memoria y rebeldía. Subcomandante Insurgente Marcos ⁷

O zapatismo (como movimento social, de luta revolucionária e emancipatória) é um dos maiores símbolos de luta e resistência da atualidade, que consegue, para além da luta de classe, revolucionar outros aspectos da vida coletiva. A organização não se orienta somente pela afinidade político-ideológica aos modelos anarquistas ou comunistas, eles partem das demandas concretas do povo para fazer a revolução deles e com eles. Transcendendo as categorias criadas para separar as opressões e as pessoas, em suas lutas individualizadas e excludentes, os zapatistas deixam claro que lutam por todos que de alguma forma são esmagados pelo sistema, independente das suas minuciosas diferenças. Como é colocado por Rita Segato, a modernidade tenta encaixar as pessoas em padrões reconhecíveis universalmente, onde as particularidades são equalizadas como acontece nas categorias de “índios” e “mulheres”, por exemplo, como explicado no seguinte trecho:

O “outro indígena”, o “outro não branco”, a mulher, a menos que depurados de sua diferença ou exibindo uma diferença equiparada em termos de identidade que seja reconhecível dentro do padrão global, não se adaptam com precisão a este ambiente neutro, asséptico, do equivalente universal, ou seja, do que pode ser generalizado e a que se pode atribuir valor e interesse universal. (SEGATO, 2012, p. 122)

Tendo em vista a debilidade desses conceitos, as mulheres zapatistas estão, aos poucos, superando a estagnação das lutas feministas contemporânea, pois lutam para romper não só com o machismo, mas como toda estrutura que oprime e lucra com a exploração do povo e a partir do rompimento epistemológico do feminismo comunitário com o feminismo ocidental que parte do individualismo e não da comunidade, onde homens e mulheres são pensados em relação (SILVA, 2018), fazer avançar a luta contra o capitalismo e todas suas mazelas.

Portando, estudar o Zapatismo significa não só voltar os olhares para essa revolução em curso, pra que ela não caia no esquecimento, mas perceber que suas diferenças de outras revoluções, trazem novas questões para um debate contra-hegemônico e contrassistêmico, além de apresentarem novos paradigmas na construção da autonomia coletiva. Os valores resgatados e ressignificados pelos zapatistas, como os de liberdade, solidariedade, justiça e igualdade, por

⁷. Memória e Sombra, 2014.

exemplo, ficam de ensinamento para os que aspiram por um outro futuro, outras geografias, novos calendário e cores, como gosta de falar o Subcomandante Insurgente Marcos, por opor-se a toda forma de dominação e subordinação dos homens e mulheres.

Sejamos portanto bons irmãos, companheiros, e organizemo-nos. Não acrediteis que estejamos no fim da revolução, estamos em seu começo. Revolução está, doravante, na ordem do dia, por muitas décadas. Ela virá nos encontrar, cedo ou tarde; preparemo-nos, portanto, purifiquemo-nos, tornemo-nos mais reais, menos discursivos, menos ruidosos, menos fraseadores, menos beberões, menos falastrões. Serremos fileiras e preparemo-nos dignamente para essa luta que deve salvar todos os povos e emancipar enfim a humanidade. Viva a Revolução Social. (BAKUNIN, 2011, p. 110.)

6 REFERÊNCIAS

HAMNET, Brian R. **Historia de México**. 2 ed. Akal, 2013.

ZARCONI, P. Francesco. **Os Anarquistas na Revolução Mexicana**. São Paulo: Faíca Publicações Libertárias, 2006.

Um lugar chamado Chiapas. Direção: Nettie Wild. A Canada Wild Production, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jaP9hbBZBdQ>. Acessado em: 27 de março 2018.

MEMÓRIA E SOMBRA: Subcomandante Insurgente Marcos. Coimbra, 2014.

SEGATO, R. Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. E-cadernos ces [Online], 18, Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical. Páginas 106-131, colocado online no dia 01 Dezembro 2012, consultado em 29 de maio 2018. URL: <http://eces.revues.org/1533>

BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina: la independencia**. Barcelona: Critica, 1991.

SISTEMA DE ENSINO CNEC. **Revolução na América: A revolução mexicana**. Módulo História, Disponível em loja.cneceduca.com.br.

RIZZI, E. Gammardella. **Revolução Mexicana: o direito em tempos de transformação social**. 2016. 518f. Tese de Doutorado – Faculdade de direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OCALAN, Abdullah. **Libertando a vida: a revolução das mulheres**. São Paulo: Fundação Lauro Campo, 2016.

TOSI, M. de Castro. **Las Soldaderas: Mulheres na Revolução Mexicana de 1910**. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá-MT, vol. 3, n. 1, p. 142-156, jan/jun, 2016.

GENNARI, Emilio. **EZLN: Passos de uma rebeldia**. Pegada, vol. 5, n. 1 e 2, p. 43-76, novembro 2004.

BAKUNIN, M. A. **O princípio do Estado e outros ensaios**. (org. e trad. Plínio Augusto Coêlho). São Paulo: Hedra, 2011.

FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org). A construção da autonomia do Movimento Zapatista de Chiapas: discursos e práticas. In: **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI**. Niterói: Alternativa, 2016.

SILVA, C. C. Seguro. **Memória das mulheres zapatistas**: participação, mobilização e a construção do ser mulher no movimento zapatista. 2018. 195f. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANCHÉZ, W. L. Fuentes. **O movimento zapatista: na construção da sua autonomia**. Diversitas [ONLINE], n. 4, p. 217-241, mar/set 2015. URL: <https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/113948/111797>.

GONÇALVES, A. dos Santos. **As Autonomias Zapatistas**: uma construção *rebelde* de novos sujeitos políticos (1994-2008). 2008. 185f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

Bonin, Iara. **O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade**. Publicações do Conselho Indígena Missionário (CIMI), Encarte Pedagógico X, dezembro 2015. URL: www.cimi.org.br.

Documentário Revolução Mexicana 90 min. History Channel. URL: <https://www.youtube.com/watch?v=6KcJunapRXQ>.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Nem o centro e nem a periferia**: sobre cores, calendários e geografias. (org. Felício E. e Filho A. H.). Porto Alegre: Deriva, 2008.